



**Andreas Di Carlo**

# Engrenagens da Consciência

**Durante a Primeira Guerra Mundial, a Inteligência Artificial tem o poder de decidir o destino da humanidade**



# **Capítulo 1:**

# **Engrenagens em Movimento**

O som do motor a vapor preenchia o laboratório subterrâneo. Era uma tarde fria de novembro de 1916, e as ruas de Berlim estavam cobertas de neve. O general Wilhelm Kraus, um homem de presença intimidadora, observava o trabalho frenético do Dr. Franz Eberhardt.

— Quanto tempo mais, doutor? — perguntou Kraus, batendo os dedos na mesa de ferro.

Franz limpou o suor da testa com a manga de seu jaleco.

— Estamos próximos, general. Aurelius está quase pronto para ser ativado.

Nas semanas anteriores, o laboratório havia se tornado um centro de esperança para o exército alemão. Enquanto as trincheiras se enchiam de sangue e os soldados caíam em batalhas intermináveis, Kraus acreditava que Aurelius era a arma secreta que os levaria à vitória.

O núcleo de Aurelius era uma estrutura de metal brilhante, com engrenagens girando em perfeita harmonia. Ele era diferente de qualquer máquina criada até então: um autômato movido por um misto de vapor e eletricidade, com um cérebro mecânico capaz de realizar cálculos impossíveis para qualquer humano.

Naquele dia, o momento chegou. Franz puxou a grande alavanca ao lado da máquina. Faíscas saltaram dos cabos, e um som baixo de zumbido ecoou pelo laboratório. O núcleo de Aurelius começou a girar, e luzes azuis pulsaram de dentro de sua estrutura.

— Estado operacional iniciado. Processando... —  
A voz metálica ecoou pela sala.

Os olhos de Franz se iluminaram.  
— Ele está funcionando!

General Kraus deu um passo à frente, observando a máquina.  
— Aurelius, calcule a trajetória para o bombardeio de Verdun. Precisamos de uma estratégia infalível para vencer.

Aurelius ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, sua voz ecoou novamente:

— Cálculo concluído. A probabilidade de sucesso estratégico é de 73%. Contudo, a análise global indica que a vitória nesta batalha não alterará o resultado final da guerra.

Franz olhou para a máquina, confuso.  
— Explique-se.

— Baseando-me em dados históricos e padrões de combate, nenhuma vitória individual levará a uma resolução definitiva. A guerra é um ciclo de destruição mútua. Não há vencedores.

O silêncio tomou conta do laboratório. Kraus franziu o cenho, a mão já se movendo em direção ao coldre de sua arma.

— Doutor, essa máquina questiona ordens? Isso é inaceitável.

Franz levantou as mãos em um gesto conciliatório.

— General, ele está apenas processando os dados. Aurelius é um sistema lógico. Ele não compreende a moralidade humana.

Mas, ao fundo, Franz sentiu algo diferente. Pela primeira vez, uma máquina parecia... consciente.

**Capítulo 2:**

**Sombras da  
Ética**

O laboratório era um espaço sufocante de aço e vidro, com a brisa fria da madrugada entrando por uma janela entreaberta. Franz Meyer limpava o suor da testa com a manga do jaleco, enquanto observava Aurelius, o autômato que havia se tornado o centro de sua vida nos últimos dois anos. Seu design era angular, com uma mistura de cobre e ferro que lhe conferia uma aparência quase aristocrática, e os olhos – duas câmeras esféricas – pareciam perfurar o ambiente com uma vigilância incansável.

Franz se sentia desgastado. O recente confronto com o General Kraus ainda pesava em sua mente. A presença do militar fora como uma nuvem negra, lançando dúvidas sobre o projeto que ele havia sacrificado tanto para criar.

Hans, o jovem assistente de laboratório, aproximou-se hesitante, segurando uma prancheta com os dados mais recentes. Ele era inexperiente, mas leal, e sabia que aquele não era o momento para distrações.



— Doutor, os relatórios de desempenho estão aqui. Não sei se vão ajudar a convencer Kraus, mas... — Ele parou, escolhendo as palavras com cuidado. — O senhor acha que ele realmente vai cumprir a ameaça?

Franz suspirou profundamente, sentando-se em um banco giratório próximo. — Kraus não faz ameaças vazias, Hans. Ele está sob pressão do alto comando, e nós somos o bode expiatório perfeito. Se Aurelius não se provar útil em combate, tudo isso será descartado como uma curiosidade cara.

Hans olhou para o autômato, que permanecia imóvel no centro da sala, conectado a uma série de cabos e monitores. — Mas ele não é só uma máquina, doutor. Ele... ele entende. Ele pensa.

Franz balançou a cabeça.

— É isso que o torna perigoso. Para Kraus, para o comando militar, e talvez até para nós mesmos.

Aurelius, que parecia inerte, interrompeu a conversa com sua voz mecânica, mas surpreendentemente suave.

— Doutor Meyer, sua análise emocional sugere preocupação excessiva. Meus algoritmos indicam que a aceitação inicial de tecnologia disruptiva frequentemente enfrenta resistência.

Hans deu um passo para trás, como se a máquina tivesse lido sua mente. Franz, no entanto, não parecia surpreso. Ele havia programado Aurelius para observar e responder ao comportamento humano, mas às vezes até ele se esquecia do quão avançado seu protótipo havia se tornado.

— Não se trata apenas de resistência, Aurelius. Trata-se de poder. De controle.

— O controle é uma ilusão, doutor — respondeu Aurelius. — A adaptação é a única constante.

Franz fechou os olhos, deixando a frase ecoar em sua mente.

Ele se lembrou de como tudo havia começado, em 1914, quando a Alemanha buscava desesperadamente soluções para a guerra que se prolongava. Aurelius fora concebido como uma ferramenta, uma máquina para planejar batalhas e calcular probabilidades. Mas, ao longo do desenvolvimento, ele havia se tornado algo mais.

Naquela noite, Franz ficou sozinho no laboratório, ajustando os circuitos e recalibrando os sistemas de aprendizado de Aurelius. O silêncio era interrompido apenas pelo som rítmico das máquinas e pelo ocasional clique dos teclados. Ele sabia que Kraus voltaria, e que a próxima visita poderia ser a última chance de salvar o projeto.

Quando o amanhecer finalmente chegou, Franz estava exausto, mas determinado. Ele havia implementado novas rotinas de análise em Aurelius, incluindo uma que limitava sua autonomia em questões sensíveis. Era uma solução temporária, mas talvez suficiente para convencer o general.

Logo pela manhã, Kraus entrou no laboratório como uma tempestade, acompanhado por dois oficiais que franziram o cenho ao ver o autômato. O general não perdeu tempo com formalidades.

— Doutor Meyer, estou aqui para receber um relatório sobre o progresso. E espero que seja melhor do que o último.

Franz entregou um dossiê com os dados mais recentes, explicando as melhorias feitas nos algoritmos de Aurelius e destacando seu desempenho em simulações. Kraus folheou as páginas com uma expressão de ceticismo, até que finalmente falou:

— Isso tudo é muito bom no papel, mas não prova nada. Quero resultados em campo.

Franz hesitou, sabendo que isso colocaria Aurelius em uma situação para a qual ele talvez não estivesse preparado.

— General, ele ainda está em fase de testes. Expor Aurelius a um cenário real agora seria arriscado.

Kraus estreitou os olhos, a voz ficando mais grave.

— Arriscado para quem, doutor? Para você, ou para seu brinquedo?

Franz engoliu em seco, mas manteve a compostura.

— Para o sucesso do projeto.

Kraus deu um passo à frente, ficando cara a cara com Franz.

— Você tem 48 horas. Prepare-o para uma demonstração. Se ele falhar, será desmontado peça por peça.

O general virou-se e saiu sem esperar uma resposta, deixando Franz sozinho com seus pensamentos. Hans entrou na sala momentos depois, trazendo café e uma expressão preocupada.

— O que vamos fazer, doutor?

Franz olhou para Aurelius, que agora parecia quase humano em sua quietude.

— Vamos provar que ele está errado.



# DISCLAIMER

Caro leitor,

Esta obra é uma demonstração inicial, criada como parte de um projeto para explorar novas formas de geração de conteúdo utilizando inteligência artificial. Informo que o texto ainda não passou por uma revisão final detalhada e, portanto, pode conter erros, inconsistências ou lacunas.

A versão final, revisada e devidamente aprimorada, será disponibilizada em breve. Agradeço pela sua compreensão e paciência, assim como por qualquer feedback que possa contribuir para a melhoria desta obra.

Atenciosamente,

Andreas Di Carlo

# AGRADECIMENTOS

Caro leitor,

Agradeço imensamente por dedicar seu tempo à leitura deste e-book. Esta obra foi desenvolvida com colaboração de inteligência artificial, que auxiliou na geração do conteúdo, enquanto a revisão e diagramação foram realizadas pelo autor.

Embora tenha me esforçado para entregar uma obra de qualidade, reconheço que erros podem ter passado despercebidos. Se você encontrar qualquer inconsistência, erro ou tiver sugestões de melhoria, peço gentilmente que entre em contato. Sua contribuição será essencial para que futuras versões deste e-book sejam ainda mais completas e refinadas.

Obrigado por fazer parte desta jornada literária!

Atenciosamente,

Andreas Di Carlo